

MOURA, Rogério Lima de*

<https://orcid.org/0000-0001-6523-4009>

RESUMO: Este artigo tem como finalidade apontar alguns aspectos importantes para o estudo da história e da literatura do Antigo Israel. Indicaremos a relevância do Período Persa para o desenvolvimento de tradições escritas em Judá e os diferentes grupos que surgiram entre os deportados que retornaram da Babilônia para Jerusalém. Por fim, discutiremos o papel do Templo para a legitimação política e religiosa dos sacerdotes. Nosso objetivo será fornecer pressupostos que pretendem ampliar e auxiliar na discussão da formação de materiais futuros que abarquem os temas histórico-literários da Bíblia Hebraica no Brasil.

Palavras – chave: Bíblia Hebraica; Antigo Israel; Período Persa.

ABSTRACT: This article aims to point out some important aspects for the study of the history and literature of Ancient Israel. We will indicate the importance of the Persian Period for the development of written traditions in Judah and the different groups that emerged among the deportees who returned from Babylon to Jerusalem. Finally, we will discuss the role of the Temple for the political and religious legitimation of priests. Our objective will be to provide assumptions that intend to expand and help discuss of the formation of future materials that cover the historical-literary themes of the Hebrew Bible in Brazil.

KEYWORDS: Hebrew Bible; Ancient Israel; Persian Period.

* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Membro do Grupo de Pesquisa Arqueologia do Antigo Oriente Próximo – UESP e professor de Teologia na Universidade Metropolitana de Santos – UNIMES. E-mail: rogeriocomlima@gmail.com



INTRODUÇÃO

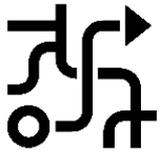
Os estudos atuais da região levantina, principalmente de Israel e Judá, têm proporcionado alguns caminhos entre uma metodologia que una os resultados da exegese bíblica, das análises literárias de seus textos e da arqueologia. Além disso, as mudanças dos paradigmas que envolveram os estudos bíblicos a partir das últimas décadas foram cruciais para que novos modelos surgissem, principalmente nas pesquisas sobre a composição da Torá, o Pentateuco na tradição cristã, e da chamada Obra Historiográfica Deuteronomista, que abarca os livros de Josué-II Reis.

No caso do Pentateuco, após a derrocada da teoria clássica das fontes de Julius Wellhausen, segundo a qual a Torá seria o resultado de quatro documentos distintos (J, E, D e P), atualmente propõe-se que as composições de Gênesis até o livro de Deuterônimo são uma compilação de tradições distintas, de pequenas unidades que, entre os séculos VIII e III AEC ou talvez até mesmo no século II AEC, foram reunidas e receberam acréscimos para compor uma narrativa linear das origens dos Patriarcas até a conquista da terra de Canaã (ver as diferentes posições em SETERS, 2008, p. 49; BADEN, 2012, p. 103-128; RENDTORFF, 1990, p. 43-78; 177-206; SKA, 2003, p.141-178).

A História Deuteronomista¹ passou por várias revisões desde os fundamentos da teoria lançada por Martin Noth. As abordagens se multiplicaram, mas existe certo consenso de que os textos que narram a conquista de Canaã e perpassam os inícios das monarquias de Israel e Judá até a derrocada de Israel em 722 AEC, pela ação dos assírios, e de Judá, pelos babilônios em 586 AEC, teve um processo de escrita de longa duração, que remonta ao período do rei judaíta Josias (século VII AEC) até os eventos da volta dos exilados na Babilônia para Jerusalém sob domínio persa no século IV AEC.

Os debates na Europa, Estados Unidos e entre biblistas judeus trouxeram novas perspectivas a respeito da história e da literatura do Antigo Israel. No Brasil, os resultados científicos relacionados à historicidade dos textos bíblicos, seu uso como fonte, bem como

¹ "Obra Historiográfica Deuteronomista" é um termo usado pelos acadêmicos que estudam a Bíblia Hebraica para se referir aos livros de Josué-II Reis. Esses textos teriam sido produzidos por escribas ligados a Jerusalém a partir do reinado de Josias no século VII AEC e suas premissas ideológicas seriam a defesa de Jerusalém como único lugar de culto, a legitimidade da dinastia davídica em relação aos reis de Israel Norte, a ideia de que a terra foi dada por YHWH e o fato de que em Jerusalém estaria o povo escolhido pela divindade judaíta. Sobre esse tema, ver: ROMÉR, 2008, p.11-21; LIVERANI, 2008, p. 226-230.



a utilização de novas abordagens caminham a passos lentos, frequentemente ficam restritos aos cursos de Pós-Graduação de História Antiga e de Ciências da Religião. Esse distanciamento implica um desconhecimento da pesquisa científica da Bíblia e, no caso que aqui estamos analisando, do processo histórico e do conjunto de textos da biblioteca do Antigo Israel. Portanto, a seguir, trataremos de elementos essenciais para que novas abordagens possam surgir nas investigações da história e da literatura da Bíblia Hebraica. Faremos uma escolha de recorte cronológico, traçando alguns aspectos do período de dominação persa em Judá nos séculos V e IV AEC.

GRUPOS JUDAÍTAS EXILADOS: CONFLITOS DE IDEOLOGIAS

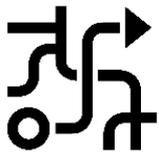
Para uma análise precisa do ponto de vista do ocorrido em Judá no século V AEC, é necessário mapear quais são os grupos envolvidos nos acontecimentos que comumente chamamos de exílio. Mesmo que nós saibamos que os textos bíblicos, como documento, devem ser lidos com suspeita e crítica científica, ainda assim podemos obter informações importantes para a reconstrução dos eventos.

Segundo o relato de II Reis 24-25, a elite ligada ao templo de Jerusalém, que poderia incluir pessoas da corte, do exército, e pessoas ligadas ao rei de Judá, foi levada para o exílio. Os escribas deuteronomistas afirmam que somente os povos da terra foram deixados (II Reis 24,13-17).

Na Babilônia e em outras localidades para onde esses grupos foram levados, a *Golá*² teve que reconstruir suas vidas de diversas maneiras (Jr 29,4-7). Os textos bíblicos desse período ou de redação posterior nos informam de várias localidades em que judaítas residiram na diáspora, como, por exemplo, Tel Abib e Cobar (Ez 3,15), Tel Mela, Querub, Adon, Emer (Esd 2,59).

Do ponto de vista da arqueologia, sabemos que judaítas estavam presentes no Egito, em uma colônia militar da cidade de Elefantina. As descobertas de cartas dessa comunidade abriram um leque de informações além dos livros já mencionados da Bíblia Hebraica. Em umas dessas trocas de correspondência, é atestada a relação amistosa

² Termo hebraico que se refere aos deportados na Babilônia.



entre os judaítas de Elefantina e os que retornaram para Jerusalém, indicando que neste caso, não havia conflitos entre os dois grupos³.

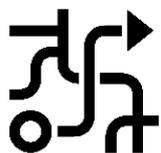
No entanto, em uma análise indiciária dos textos do período exílico, é possível perceber que, entre os exilados, principalmente na Babilônia, existiam diferentes perspectivas, e ideologias distintas. Havia, notadamente, grupos que eram favoráveis aos persas. Em Is 44,28 e Is 45,1-7 Ciro é aclamado como Messias, ungido de YHWH. Para entendermos a força dessa expressão, somente os descendentes davídicos eram considerados ungidos, segundo a ótica de grupos ligados ao templo de Jerusalém (cf. I Sm 7). Além disso, os persas permitiram que os exilados retornassem para a sua terra e reconstruíssem o templo (Esd 1,1-4)⁴. Mesmo sob o poder persa, o que incluía pagamento de impostos, certos judaítas tiveram posições positivas a respeito da Pérsia.

Pensamentos díspares, conforme já mencionamos, podem ter acarretado conflitos. Podemos perceber certo desacordo entre o retrato que o Tríto-Isaías 56 faz dos estrangeiros, e o que encontramos em Ez 44,6-9. No texto isaianico, o templo de Jerusalém será um lugar para todos os povos no retorno a Jerusalém, um lugar mais inclusivo do ponto de vista religioso. Já Ez 44, 6-9, um trecho que pertence a escribas da linhagem sacerdotal sadoquita, nenhum estrangeiro poderia adentrar no templo. Essas informações reforçam o que temos dito, a saber, que para pesquisarmos os eventos dos séculos V e IV AEC, precisamos verificar a existência de ideologias plurais entre os exilados.

Os conflitos gerados em Jerusalém a partir das análises de textos pós-exílicos demonstram que no campo religioso, um tipo de sacerdócio buscou legitimidade em relação a outros. Como já mencionamos, textos do profeta Ezequiel refletem posições sacerdotais sadoquitas. Esses sacerdotes buscaram legitimar o controle do templo de Jerusalém a partir de discursos que poderiam reforçar suas ambições. Ez 40-48 apresenta uma série de pressupostos em que os sadoquitas se colocam como os únicos herdeiros da tradição sacerdotal desde os tempos imemoriais e míticos de Davi (cf. II Sm 8,15-18; II Reis 1,8.26-45; 2,35; 4,2-4 onde se menciona o epônimo dos sadoquitas, o sacerdote Sadoque).

³ Por exemplo, as cartas TAD A4.7 e TAD A 4.9 em: PORTEN, 1986.

⁴ Sobre a autenticidade do Edito de Ciro, ver a discussão em: PEETZ, 2022, p. 214-216.



Os textos de Ez 40-48 demonstram que essa busca de afirmação da legitimidade do sacerdócio poderia ocorrer em um contexto de conflitos com outros pretendentes ao controle do templo de Jerusalém. Textos como Nm 11,16-25⁵ e Ml 2,1-9 mostram que tais conflitos não parecem ser meras suspeitas (cf. também Esd 5,5.9; 6,7-8.14).

AS TRADIÇÕES INVENTADAS DOS TEXTOS PATRIARCAIS E DO ÊXODO

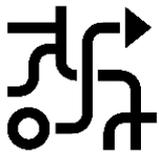
Após apontarmos a importância de olharmos o período persa e mapearmos os grupos existentes na *Golá* com suas ideologias plurais, passaremos a discutir tradições inventadas e fundantes de Judá no período persa. Nosso foco serão as narrativas patriarcais e do êxodo. Mas, para isso, precisamos trazer para a discussão olhares do campo da história e dos estudos culturais, principalmente da memória cultural.

Eric Hobsbawm trabalha com o conceito de invenção de tradição. Para o historiador, uma tradição é inventada quando um conjunto de práticas de natureza ritual ou simbólica são aceitas e inculcadas para gerar normas de comportamento. Sendo assim, o presente é ligado a um passado para fornecer legitimidade (2017, p. 8).

As narrativas patriarcais e do êxodo pertencem a esses grupos de tradições que foram inventadas principalmente em um momento de necessidade de buscas identitárias na Judá pós-exílica. Esses textos foram construídos com finalidades ligadas aos interesses dos sacerdotes sadoquitas do século IV AEC. Além de serem tradições tardias que remontam a um passado inventado à luz do presente dos escribas de Jerusalém, esses textos possuem funções de legitimação, ou seja, trata-se de um projeto que usa discursos com intenções de dominação, de deslegitimação em que tais textos são utilizados para apagar a memória ou mesmo promover o esquecimento de grupos rivais e sua distinção, delineando uma identidade coletiva e acarretando fronteiras entre um “nós e eles” (ASSMANN, 2011, p. 151-152).

Embora tenhamos na Bíblia Hebraica a sequência patriarcas/êxodo, do ponto de vista dos estudos literários e da tradição da Bíblia Hebraica sabemos que esses blocos

⁵ Esse trecho do livro de Números é uma retroprojeção de acontecimentos do período pós-exílico nos tempos míticos de Arão e Moisés. Cada personagem descrita na narrativa representa uma classe religiosa em Jerusalém do século IV AEC. Para os estudos de grupos sociais no Período Persa cf. JEON, 2022, p. 73-98.



em sua origem eram separados com datações e teologias/ideologias distintas (SCHMID, 2019, p.158-161).

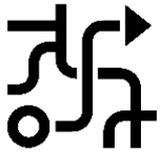
Nos enredos contidos nas histórias patriarcais de Abraão, Isaque e Jacó, destaca-se uma visão mais inclusiva em que os ancestrais míticos de Israel e Judá convivem pacificamente com vários grupos e etnias. Ao contrário, nos relatos do livro do Êxodo, o Egito é visto em oposição aos hebreus. Além disso, prevalecem no conteúdo do livro ações guerreiras da divindade que luta contra o rei do Egito para libertar seu povo.

Em matéria de culto religioso, os patriarcas são mais abertos a outros deuses, relacionando-se com eles e fundando santuários (Gn 17,1-2; 35,1-15). Em Êxodo, a adoração a outras divindades é condenada e o nome sagrado YHWH é dado a Moisés para que os hebreus possam adorar a esse deus (Ex 6,2-3).

Por fim, nos relatos patriarcais a origem de Israel é dada sob a ótica da genealogia, ou seja, a origem dos israelitas se dá a partir de ancestrais como Abraão, Isaque e Jacó. Já no livro do Êxodo a construção da origem do povo é explicada a partir da ideia de que os hebreus/Israel surgiu fora de Canaã. Assim, percebemos que essas duas tradições separadas foram reunidas em sequência no Período Persa, tempo de redação da Torá.

Não temos nenhuma informação histórica a respeito de Abraão, Isaque e Jacó. Provavelmente as tradições de Jacó surgiram no século VIII AEC em Israel Norte, ligadas ao santuário de Betel (FINKELSTEIN, 2015, p. 171-176). Já as tradições de Abraão estão relacionadas a lendas do sul, Judá, em Mamre. A fusão com as tradições de Isaque e a relação de parentesco em que Abraão tem a primazia (Abraão, Isaque e Jacó) são construções tardias do período persa (FINKELSTEIN; RÖMER, 2022, p.89-93).

O êxodo permanece uma questão difícil de resolver do ponto de vista histórico. Não há nenhuma comprovação arqueológica ou menção de algum documento que mostre resquícios da presença de israelitas no Egito e de sua libertação conforme é relatado no livro homônimo. O que podemos afirmar é a existência de vestígios que aparecem nos textos bíblicos ligados a Israel Norte que mostram que possivelmente essa tradição tenha surgido na região, talvez no século VIII AEC antes da destruição de Israel Norte pelos assírios em 722 AEC. (Os 2,14-15; 9,10; 11,1.5; 12,9.13; 13,4-5; Am 2,10; 3,1; 9,7). Essa tradição foi aceita em Judá após a destruição de Israel Norte e ressignificada no período persa (Is 52,11-12; 55,12-13). A saída da Babilônia e a volta para Jerusalém foi entendida como um novo êxodo a partir do século V AEC.



O PAPEL DO TEMPLO DE JERUSALÉM NO PERÍODO DE DOMINAÇÃO PERSA

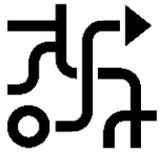
Além das divisões entre grupos com ideologias distintas que mencionamos acima, podemos discutir sucintamente o papel do templo de Jerusalém na construção identitária daqueles que retornaram da Babilônia. Devemos lembrar que no século IV AEC Jerusalém é uma satrapia persa, ou seja, administrada por um governador local responsável por enviar tributos para o rei persa. Portanto, havia interesses locais de classes sociais para ter influências em Jerusalém, mesmo que tivesse que se submeter ao poder persa.

Os pesquisadores Oded Lipschits e David Vanderhooft (2011) em um trabalho no sítio onde foram encontrados selos de Ramat Rahel afirmaram que a cidade de Jerusalém e seu templo nesse período pós-exílico não poderia ter sido um centro econômico e administrativo como se supunha. Para os autores, baseados nos números de selos “Yehud” encontrados no sítio, foi Ramat Rahel e não Jerusalém o principal centro administrativo entre os séculos VI e III AEC.

Peter Bedford (2015, p. 341) concorda com Lipschits e Vanderhooft e complementa que somente no fim do Período Persa, quando o Sumo Sacerdote de Jerusalém obtém uma maior zona de influência política na região, é que é possível afirmar que o Templo de Jerusalém possuiu algum tipo de função administrativa.

J. P. Weinberg (1992, p. 127-138; ver também GALVANO; GIUNTOLI, 2020, p.172-174) formulou uma teoria que propõe que a comunidade de judaítas que residiam em Jerusalém no século IV AEC “gravitavam em torno do templo”, ou seja, os habitantes de Jerusalém, as classes existentes na região enxergavam no templo o centro ao redor do qual tudo gravitava, seja a vida civil, política, econômica, cultural e social. Weinberg realizou pesquisas comparativas com outros povos controlados pelos persas para propor a sua hipótese. Assim, o templo seria também o motivo de fortes tensões e conflitos mencionados em nosso texto por conta dessa influência em Jerusalém.

A teoria de Weinberg corrobora nossos dados a respeito dos conflitos que ocorreram na região no Período Persa e dos motivos para que certas tradições escritas fossem moldadas de acordo com ideologias sacerdotais para a construção legitimadora e distinção de grupos oponentes.



Textos como Ag 1 e Zc 1-8 apresentam um posicionamento pró-sadoquita e pró-templo e vão ao encontro daqueles que controlavam politicamente Jerusalém. São livros de legitimação do poder sacerdotal nas mãos de uma classe representada nesses relatos na figura do Sumo Sacerdote Josué. Portanto, no século IV AEC, o templo representa um lugar de formação identitária, mas, ao mesmo tempo, de disputas pelo controle religioso e político-econômico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM CONVITE PARA NOVAS REFLEXÕES NOS ESTUDOS HISTÓRICOS E LITERÁRIOS DA BÍBLIA

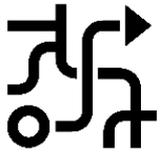
Nossa proposta almejou demonstrar a partir de um recorte temporal que abrangeu os séculos V e IV AEC alguns métodos de análise dos eventos de Israel e de Judá em diálogo com a pesquisa histórica e da literatura bíblica. Conforme mencionamos, o intuito foi realizar uma exegese que levasse em conta ferramentas advindas de diversas áreas e com olhares plurais.

A Bíblia Hebraica pode ser útil para os historiadores e cientistas da religião desde que seja lida como documento que necessita de averiguação crítica. Para isso, precisamos entender seu mundo, o processo histórico e cultural que gerou os textos que lemos na atualidade.

As narrativas não são histórias no sentido moderno. Elas refletem o tempo do narrador e retroagem a um passado mítico, idealizado, construído à imagem e semelhança dos redatores e autores que escreveram os diversos livros da Bíblia Hebraica. Até o conceito “livro” deve ser problematizado, pois como vimos, as histórias que pertencem à Bíblia Hebraica foram transmitidas separadamente e reunidas mais tarde em uma história contínua e linear.

Utilizamos como exemplo os relatos sobre os patriarcas e a narrativa do êxodo, no qual mostramos que essas duas tradições eram separadas e foram formadas em um processo de longa duração até serem redacionalmente aglutinadas. Verificamos que os blocos que contêm as histórias de Abraão, Isaque e Jacó possuem ideologias diferentes quando comparadas com o relato do livro do Êxodo.

Mapeamos também alguns grupos a partir dos indícios que os textos bíblicos nos fornecem. As diferenças de perspectivas religiosas, inclusivas, exclusivistas, pró-



estrangeiros, contra a entrada de estrangeiros no templo mostrou que não podemos, do ponto de vista científico, ler a Bíblia Hebraica sem perguntar sobre o contexto, a datação e a qual grupo pertence um determinado discurso inserido nos textos. Para uma boa interpretação histórico-literária da Bíblia Hebraica é fundamental seguirmos esses passos.

A arqueologia pode nos fornecer novos enfoques na busca pela reconstituição dos eventos dos antigos Israel e Judá. Não só a arqueologia levantina, a cultura material encontrada na região, mas também os artefatos assírios, babilônios e persas podem ajudar o pesquisador complementando as investigações sobre o passado de Israel e Judá.

Por fim, salientamos a importância dos estudos da Bíblia em meios acadêmicos. Há algum tempo, a Bíblia era utilizada apenas por teólogos e estava restrita às reflexões da teologia. Com os surgimentos dos cursos de Ciências da Religião no Brasil, esse quadro começou a mudar. Surgiram disciplinas que visavam estudar a Bíblia fora dos eixos da teologia, dando importância para o contexto cultural de criação dessa biblioteca de Israel e Judá. Nos departamentos de História Antiga o interesse pelos estudos bíblicos tem mudado e há um entendimento da importância desses textos para compreender o Oriente e o Ocidente.

Conforme observamos no início do artigo, a pesquisa científica da Bíblia ainda caminha a passos lentos. Com a abordagem que trouxemos, esperamos que esse quadro mude.

REFERÊNCIAS

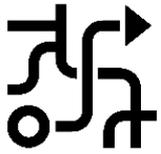
ASSMANN, Aleida. *Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

BEDFORD, Peter R. *Temple funding and priestly authority in Achaemenid Judah in: STÖKL, Jonathan; WAERZEGGERS, Caroline. Exile and Return: the babilonian context*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2015.

FINKELSTEIN, Israel; RÖMER, Thomas. *Às origens da Torá: novas descobertas arqueológicas, novas perspectivas*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2022.

FINKELSTEIN Israel. *O reino esquecido: arqueologia e história de Israel Norte*. São Paulo: Paulus, 2015.

GALVANO, Germano; GIUNTOLI, Federico. *Pentateuco (introdução aos estudos bíblicos)*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2020.



HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

JEON, Jaeyoung. *The social groups behind the Pentateuch*. Nova York: SBL Press, 2021.

LIPSCHITS, Oded; VANDERHOOF, David S. *The Yehud stamp impressions: a corpus of inscribed impressions from the persian and hellenistic periods in Judah*. Indiana: Eisenbraus, 2011.

LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia: história antiga de Israel*. São Paulo: Paulus, 2008.

PEETZ, Melanie. *O Israel bíblico: história, arqueologia, geografia*. São Paulo: Paulinas, 2022.

RENDTORFF, Rolf. *The problem of the process of transmission in the Pentateuch*. Sheffield: JSOT Press, 1990.

RÖMER, Thomas. *A chamada História Deuteronomista: introdução sociológica, histórica e literária*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

SCHMID, Konrad. *A historical theological of the Hebrew Bible*. Michigan: William B. Eerdmans Publishing, 2019.

SETERS, John Van. *Historiografia no mundo antigo e as origens da história bíblica*. São Paulo: Edusp, 2008.

SKA, Jean Louis. *Introdução à leitura do Pentateuco: chaves para a interpretação dos cinco livros da Bíblia*. São Paulo: Loyola, 2003.

WEINBERG, Joel. *The citizen-temple Community*. Sheffield: JSOT Press, 1992.

FONTES

ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (Eds.). *Bíblia Hebraica Stuttgartensia (5ª edição)*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

PORTEN, Bezalel; YARDENI, Ada (ed.). *Textbook of aramaic documents from Ancient Egypt (V. 1 Letters)*. Jerusalém: Eisenbraus, 1986.

Aprovado em 11/05/2023

Recebido em 06/07/202